



Foto: reprodução

O artista Heleno Bernardi usa milhares de chicletes mascarados para compor o rosto

## ARTE

### AUSÊNCIA DE LIMITES, CARÊNCIA DE RIGOR?

Não há limites de espaço, materiais ou técnicas. A arte contemporânea lembra um grande laboratório de experimentação, transformando latinhas de alumínio, gomas de mascar, esponjas, carne, ossos, fios de cabelo e objetos que iriam para o lixo em obras que compõem as alas de galerias e bienais. “Quanto mais banal o objeto, maior seu valor simbólico e mais ricos podem ser as leituras da obra”, acredita Alfons Hug, curador da 26ª Bienal de Arte de São Paulo, inaugurada em setembro, seguindo até 19 de dezembro. Affonso Romano de Sant’Anna, autor do livro

*Dexonstruir Duchamp: arte na hora da revisão* não concorda: “estão confundindo, simploriamente, divertimento com arte”. E propõe uma intervenção interdisciplinar da “chamada” arte contemporânea.

O que nasceu como espaço de liberação, de provocação e denúncia às imposições do sistema teria, ao longo dos últimos 50 anos, se congelado num discurso de que “tudo pode ser arte”. A ausência de critérios, certamente, dificulta o olhar do público e dos próprios críticos. Saber o que é uma obra de arte e o que é mera disposição de objetos pode ser apenas uma questão de interpretação? Renina Katz, gravadora e professora aposentada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, considera que não existe mais um trabalho sério, diário, de crítica de arte. “Percebo que o que se faz hoje são apenas comentários laudatórios ou descritivos, nunca uma crítica no sentido de desvendar o mistério”. Para o historiador de arte da Unicamp, Nelson Aguilar, falta hoje no Brasil uma maior socialização da arte, por meio de publicações que facilitem o entendimento do público.

Se não há mais uma referência segura por parte de especialistas, como o público leigo deve se comportar diante de instalações e obras criativamente inusitadas, que ele não entende? Para Sant’Anna, o público sente-se intimidado, sem saber como reagir ou compreender as obras, atribuindo essa postura a sua própria ignorância.

Já Aguilar considera que o público jovem brasileiro identifica-se mais com a arte contemporânea justamente por sair de uma atitude apenas contemplativa e ser mais interativa e “visceral”, do que com obras de outra época, como as de Portinari, que precisariam ser contextualizadas para fazerem sentido.

**ENTRETENIMENTO** A última bienal paulista recebeu 670 mil visitantes, tornando-se a mostra de arte contemporânea mais visitada no mundo em 2002. “Vejo no país uma curiosidade extraordinária no público jovem, que é a maioria na bienal”, afirma Hug. Para Renina, porém, quantidade nem sempre se traduz em qualidade, pois a frequência jovem às exposições é semelhante às visitas ao Salão do Automóvel, ou, por simples entretenimento. “É uma espécie de massa que segue o fluxo da corrente”, acrescenta. Em 1936, Walter Benjamin alertava, em seu conhecido ensaio sobre a reprodutibilidade técnica das obras de arte, que à medida que a significação social da arte diminuísse se assistiria a um divórcio crescente entre o espírito crítico e a fruição da obra.

**MUDANÇAS** Os padrões estéticos e o conceito de arte têm mudado ao longo da história. Obras que, no passado, dificilmente seriam qualificadas como artísticas, hoje são aceitas. É o caso, por exemplo, do belga Jan Fabre que para tratar do tema violência desenha com o próprio sangue, ou do inglês Damien Hirst que expôs animais mortos mergulhados em formol. Para eles, retratar a violência cruamente é uma forma de arte provocativa que leva a refletir sobre a vida contemporânea.

Chocar, incomodar e até ofender são indicadores, para alguns críticos e artistas, de que a arte contemporânea está atingindo o público e modificando sua visão das coisas. Para outros, no entanto, esse seria apenas um recurso para atrair público e a atenção de curadores de exposições. É o que antecipava Hannah Arendt, em 1963, em seu ensaio “A crise da cultura”, dizendo que o principal produto da indústria cultural, a arte,

seria consumida como mercadoria. “Se não trabalhar a sensibilidade e não revelar outras realidades, a arte contemporânea, principalmente trabalhos que visam ser objetos de escândalo, perde sua função artística de aperfeiçoamento da subjetividade”, enfatiza Renina.

Para o psicólogo e membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte, Carlos Perrotto, os artistas contemporâneos já mostraram que a arte é um reflexo de uma época desumana, violenta e de medo que foi o século XX, mas agora espera mais deles. “Nas últimas décadas, a ética piorou e a globalização acabou por destruir o pouco que tínhamos de humanismo. O humanismo terá maior chance de retornar quando a beleza voltar ao universo da arte”, considera.

Germana Barata



“Nem vi a montagem do Futebol, pedi que separassem os objetos por tamanho e por entidade e dei a regra. Volto no dia seguinte e está impecável”, declaração de Nelson Leirner em entrevista à Folha de S. Paulo em 13/05/2004.

## O QUE NÃO É ARTE?

A transição da arte moderna para a chamada arte contemporânea - assim batizada pela casa de leilões inglesa Christie's, nos anos 1970 - é difícil de ser datada, mas teria ocorrido por volta dos anos 1950, quando houve a necessidade de romper com os espaços pré-determinados onde a arte acontecia, fosse na tela ou nas esculturas. Lúcio Fontana, artista argentino, desempenhou, segundo os historiadores de arte, um importante papel nesse processo ao apresentar sua tela em branco com um corte que evidenciava uma superfície agora aberta, e que inspirou artistas a ampliarem seu conceito de espaço reservado para a arte. Para Nelson Aguilar, entre os maiores artistas plásticos contemporâneos no Brasil estão: Hélio Oiticica (1937-1980), com seus *Paragolés* - obras que deveriam ser vestidas e dançadas para serem vividas; Lygia Clark (1920-1988), que privilegiou o exercício dos sentidos; e Mira Schendel (1919-1988), que trabalhou com

texturas e transparências. “A arte não é algo que acontece só para se ver, mas envolve outro tipo de sensação e se manifesta em todos os lugares”, afirma Aguilar.

Marcel Duchamp que, em 1917, chocou com a sua *readymade* - A fonte - um urinol que, deslocado de seu ambiente usual, passa a ser visto com outros olhos, foi recuperado trinta anos mais tarde, em um movimento que negava os espaços pré-estabelecidos em que a arte deveria estar e que culminaria na arte contemporânea. Para o escritor Affonso Romano Sant'Anna, a teoria e a prática artística ficaram paralisadas desde o século passado quando o próprio Duchamp teria proposto que qualquer objeto poderia ser obra de arte. “Portanto, a melhor maneira de começar a considerar criticamente a questão da arte é retomá-la onde ela foi congelada, imobilizada”, sugere o escritor, que acredita ser necessário começar pelo fim, ou seja, respondendo a pergunta colocada por Duchamp: O que não é arte?